

Mestras da cultura popular em Belém-PA: a importância da mulher na manutenção e divulgação da cultura popular.

Jorgete Maria Portal Lago*¹

RESUMO

A presente comunicação tem como objetivo realizar uma reflexão crítica sobre a ausência de divulgação e pesquisa sobre a atuação de mestras da cultura popular em Belém. Estamos em fase inicial da pesquisa de revisão bibliográfica sobre temas como gênero, raça, sexualidade discutidos a partir de Scott (1989), Anzaldúa (2000), Haraway (1995), Carneiro (2011) e Curiel (2007). Para nos situarmos sobre o assunto, realizamos um primeiro levantamento dos grupos de cultura popular cadastrados na Fundação Cultural do estado do Pará Tancredo Neves (FCTN) assim classificados: Quadrilhas Juninas adultas, grupos de para folclóricos, grupos de Pastorinhas, grupos de Pássaro Junino, grupos de Cordão de Pássaro, grupos de Boi-bumbá e Cordão de Bicho. A partir destes dados percebemos um número significativo de mulheres coordenadoras de grupos, 58 de um total de 104 ou 55,7%. Este dado demonstra um número significativo e a importância das mulheres na manutenção e promoção da cultura popular em Belém. O reconhecimento do trabalho destas pessoas por parte dos órgãos oficiais, academia e sociedade em geral também é um dos objetivos desta pesquisa. Além de articular diálogos e fortalecer seus protagonismos como agentes culturais em suas comunidades. Acreditamos que esta proposta contribui para uma nova perspectiva para a área da Etnomusicologia que é de se (re)pensar o papel da mulher na transmissão e manutenção das práticas musicais tradicionais na sua comunidade. Outras questões emergem nesta pesquisa como: como se dá a intervenção destas mulheres? Quais os repertórios repassados? Qual o teor das músicas? Quem as compõe? Quem são instrumentistas?

Palavras-chave: Cultura Popular. Mestras. Saberes tradicionais. Práticas musicais Belém.

1. Uma breve apresentação

O estado do Pará é conhecido pela diversidade, seja ela natural ou cultural, quando se fala no Estado tudo é em abundância, seja nos aspectos positivos e às vezes nos negativos. A cidade de Belém, capital do estado também apresenta esta diversidade, talvez de maneira até mais concentrada. A cultura belenense e

* Mestrado em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: jorgetelago@gmail.com



paraense ganhou grande visibilidade nos últimos dez anos a partir da consagração de alguns cantores, bandas de música, produção de novelas, filmes, divulgação da culinária entre outros. É claro, que no espaço midiático nem todos têm a mesma oportunidade de divulgação. E a maioria dos grupos com suas respectivas práticas musicais são conhecidas somente nas suas próprias comunidades, apresentando um circuito mais limitado. Neste artigo vou me concentrar nos grupos de cultura popular tradicional, que são aqueles que possuem uma prática musical com objetivo de perpetuarem uma determinada tradição e congregar a comunidade de maneira lúdica e prazerosa, sem um objetivo comercial. Dentre estes grupos, podemos verificar as práticas relacionadas ao Boi-bumbá, Pássaros Juninos, Cordões de Pássaros e Bichos, Pastorinhas e Quadrilhas Juninas.²

A cidade de Belém, considerando seus distritos³ apresenta uma variedade e quantidade de grupos tradicionais que impressiona, apesar das condições desfavoráveis para manter tais práticas musicais. A falta de tempo para o lazer, restrição de espaço para ensaios, o apelo da mídia, a violência urbana entre outras dificuldades são algumas das situações que impediriam para a manutenção das atividades dos grupos. Apesar deste cenário desfavorável, os grupos mantêm suas atividades sendo responsáveis pela divulgação e manutenção de práticas peculiares da cultura belenense. Na coordenação destes grupos estão homens e mulheres que se esforçam e se dedicam na manutenção das tradições, sendo elas/eles agentes culturais de suas comunidades. A importância dos mestres é vital para a existência e continuidade das manifestações populares, mas pouco se fala sobre eles. E sobre as mulheres, ou como chamarei aqui de mestras, a divulgação de seus saberes e fazeres junto aos seus grupos é quase nulo. Tal situação demonstra, que apesar da produção musical profícua dos grupos tradicionais, não percebemos uma produção acadêmica e de divulgação que seja proporcional. E se analisarmos a partir da atuação das mestras, o descaso é maior, demonstrando a relação assimétrica na divulgação da cultura popular em Belém. E é pensando sobre esta ausência

² Os grupos citados estão ligados à tradição do ciclo junino, a exceção das Pastorinhas que estão ligadas ao ciclo natalino.

³ Belém apresenta três regiões distritais, são elas: Icoaraci, Outeiro e Mosqueiro, estes dois últimos fazem parte da área insular da cidade.



feminina nas discussões sobre a cultura popular tradicional em Belém que propomos este artigo, verificando as motivações destas ausências e quais questões implicadas.

1. Situando a pesquisadora e o tema de pesquisa

A leitura do texto de Donna Haraway (1995)⁴ me fez refletir sobre um tema que pouco se tem discutido no campo da Antropologia e até mesmo da Etnomusicologia, que é a subjetividade do pesquisador perante seu tema de pesquisa. A objetividade e a neutralidade são posicionamentos buscados pela ciência na coleta e análise dos dados, mesmo nas ciências humanas, que lidam com o humano esta posição neutra procura ser mantida. E foi neste caminho da neutralidade que tentei seguir a carreira acadêmica e a pesquisa sobre música, sem contaminá-la com meus sentimentos e considerações pessoais. Acredito que na tentativa de ser objetiva, me anulei e como consequência, não pude articular meu discurso com os sujeitos pesquisados. E assim perdi a oportunidade de expandir o olhar, de discutir o que não é discutido, de chamar atenção para o que é sempre ocultado, de perder a experiência das relações humanas. Tantas perdas em nome da objetividade.

Meu recente contato com o feminismo e suas teorias me fez enxergar a possibilidade de se colocar subjetivamente sem perder o rigor da ciência, sem perder a objetividade da pesquisa, pois o se situar subjetivamente é se situar politicamente, como sujeita e cidadã. É claro que a escrita de um texto mais subjetivo não pode se transformar em um muro das lamentações, mas uma maneira de dialogar e pensar criticamente sobre determinadas situações e contextos. Como nos diz Haraway, o feminismo não tem a intenção de ser um contrário da ciência, sem o compromisso com a pesquisa, mas sim uma maneira mais orgânica de se ver o mundo, ou como ela mesma diz mais “corporificado”. E esta posição ela reitera neste trecho, sobre a perspectiva feminista.

⁴ O título do artigo é “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (1995).

3395



cidadã, quanto na sua função de transmissoras e mantenedoras da cultura popular belenense.

Para melhor compreensão sobre a forte presença de mestras da cultura popular em Belém realizamos um primeiro levantamento dos grupos cadastrados na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN). De acordo com a classificação do FCPTN, os grupos estão divididos da seguinte forma: Quadrilhas Juninas adultas, Grupos de Para folclóricos, Grupos de Pastorinhas, Grupos de Pássaro Junino, Grupos de Cordão de Pássaro, Grupos de Boi-bumbá e Cordão de Bicho. No total, 104 grupos estão cadastrados nos registros da FCPTN, desta totalidade, 35 são coordenados exclusivamente por mulheres. No caso particular das quadrilhas juninas, um número expressivo de 43%, são grupos coordenados por um homem e uma mulher. Acreditamos que mais grupos e mestras existam na cidade, pois estes dados foram obtidos somente de uma fonte, a FCPTN. Embora sejam parciais, estes dados apresentam o número significativo de mestras/coordenadoras revelando a importância das mulheres na manutenção e promoção da cultura popular em Belém.

A proposta deste texto é estimular uma discussão sobre a ausência de dados sobre o conhecimento e a prática musical das mestras e os possíveis motivos de sua invisibilidade nas agendas culturais e acadêmicas. Acredito que esta proposta contribui para uma nova perspectiva para a área da Etnomusicologia que é de se (re) pensar o papel da mulher na transmissão e manutenção das práticas musicais tradicionais na sua comunidade. Outras questões que já emergem desta proposta são: como se dá a intervenção destas mulheres? Quais os repertórios repassados? Qual o teor das músicas? Quais são compositoras? Quais são instrumentistas? Quais os conhecimentos e práticas musicais destas mestras? Entre outros.

Considerando estas primeiras reflexões e observações como mulher, negra, cidadã, professora de escola e de universidade públicas, eu acredito que o objetivo principal deste artigo é propor uma discussão questionando a ausência de divulgação sobre o papel das mestras na manutenção das práticas musicais dos grupos de cultura popular em Belém. Tal discussão tendo como base teórica os



estudos feministas e suas articulações com temas como raça, gênero, classe e sexualidade inseridos nas práticas musicais das mestras.

2. Pensando e repensando alguns termos

Nesta parte eu gostaria de indicar alguns termos e suas abordagens teóricas para a discussão sobre as práticas musicais das mestras da cultura popular. No âmbito dos estudos feministas quando se fala sobre mulheres, se fala consequentemente de gênero, embora o termo não seja exclusivo delas. Nesta discussão Joan Scott (1989) é uma referência importante, pois no seu texto *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* ela aborda o conceito de gênero e seu uso gramatical. Scott destaca que a gramática abriu várias possibilidades e que foi utilizada pelas feministas para lidar mais seriamente sobre a questão de gênero. No caso específico da história, uma abordagem sobre o gênero trouxe a possibilidade de compreensão dos fatos sob outras perspectivas sem desmerecer questões importantes para a disciplina, como a política e luta de classes. A partir desta visão, as perguntas de pesquisa deveriam ser elaboradas considerando o gênero como categoria analítica e não meramente descritiva. O uso do conceito de gênero amplia o estudo sobre os papéis dos sexos, que não se reduz a mulher. Para Scott,

Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma separada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. (SCOTT, 1989, p. 7)

Quando proponho a discussão sobre a contribuição musical dada pelas mestras da cultura popular, não estou tentando demonstrar que há um repertório específico executado por tais mulheres e que é separado e diferente do repertório dos homens. Na verdade a discussão é relacional, posto que um estudo de gênero sobre a prática musical dos mestres pode ser possível numa perspectiva feminista. A questão é compreender principalmente, as relações desiguais de poder e que determinam as práticas musicais destas mestras, assim como suas relações com os membros dos seus grupos, das suas comunidades e com os seus pares, outras

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Acredito que a utilização restrita do gênero como categoria analítica limita e enrijece uma postura mais crítica e mais ampla na discussão das diferenças entre os sexos, posto que as mesmas vão além das representações do que é feminino e masculino. E se avançarmos mais nesta discussão, poderemos acrescentar a esta abordagem a produção de conhecimento dos países colonizados, considerando também sua subalternidade perante os países colonizadores.

E é neste sentido de ampliar a discussão sobre as estratégias de manutenção das desigualdades que o texto de OchyCuriel (2007)⁶ nos traz esta importante contribuição. Com objetivo de visibilizar os estudos feministas subalternos e assim, preencher tal lacuna conceitual e teórica, Curiel escreveu este texto com objetivo de apresentar as propostas feministas racializadas no sentido de ampliar o debate sobre a colonialidade.

Seu texto apresenta uma questão provocadora sobre a inserção do tema dos estudos subalternos ou pós-coloniais como estratégia de legitimação acadêmica. Até onde estes estudos têm como objetivo a descentralização do sujeito subalterno. O debate sobre os problemas da colonização para os países colonizados teve como precursores, AiméCesaire e Franz Fanon, que nos seus estudos mostraram os problemas profundos que a colonização trouxe para os países colonizados, envolvendo não só questões de dependência econômica, mas também de valores culturais, sociais, políticos e raciais. Estes dois autores não se limitaram as questões sociais e econômicas e trouxeram para o debate a questão do racismo para o pensamento sobre a América latina e Caribe. Curiel também apresenta outros autores que contribuíram para a temática da subalternidade na América Latina, como Mignolo, Quijano e Dussel. Embora eles falem sobre a questão da raça e até mesmo do sexo, nenhum deles abordaram o tema de maneira aprofundada, embora tal discussão já estivesse amplamente discutida pelas feministas racializadas.

A primeira contribuição sobre a temática é de AnibalQuijano que a partir da formulação do conceito de *colonialidade do poder* mostra como os padrões mundiais do capitalismo exerce um poder de dominação e exploração dos países colonizados. E nesta estratégia de dominação, o corpo é o espaço de exploração e dominação e

⁶O texto cujo título é *Críticaposcolonial desde lasprácticas políticas del feminismo antirracista* de 2007.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



que vai influenciar as relações de gênero a partir de uma visão eurocêntrica dominante. Os estudos de Quijano oferecem um aporte teórico muito interessante, embora ainda não amplie a questão do gênero. Neste sentido, a discussão sobre a situação das mulheres racializadas na América Latina parece não merecer uma discussão que vá além do trabalho escravo para as negras e a dizimação étnica para as indígenas. Curiel se queixa que apesar de já haver uma produção significativa, quanto a esta discussão, as feministas racializadas não são citadas nos trabalhos acadêmicos. Nem mesmo nas discussões feministas, que ainda apresentam uma produção acadêmica e política mais *euroamericanacentrada*. Como nos diz Curiel, as mulheres feministas racializadas estão fora do padrão dominante, que é homem-branco-heterossexual, mas por esta posição subalterna é que elas têm contribuído para a ampliação do debate.

Seguindo com seu debate, Curiel apresenta as contribuições de feministas racializadas para a discussão pós-colonial nos EUA iniciadas pelas feministas negras. Ainda nesta abordagem, Curiel apresenta o chamado feminismo *chicano* representado por Gloria Anzaldúa, Chela Sandoval, Cherie Moraga e Norma Alarcón. Ela destaca o conceito de *lafrontera* (*borderland*) de Anzaldúa que questiona o nacionalismo chicano e o racismo norte americano, colocando em debate as identidades autênticas e essencializadas. A afirmação identitária como mestiça revela uma observação importante para a questão racial na América latina, pois o mestiço é um produto da imposição colonial, como um ser neutro, mais aceito pelo padrão eurocêntrico, uma negação da identidade negra e indígena, enquanto que para Anzaldúa no contexto norte-americano, o mestiço é uma forma de se afirmar como diferente, subalterna e resistente.

Além da contribuição das feministas nos EUA, Curiel aponta o trabalho importante das feministas racializadas na América Latina e Caribe, provando que a histórias das mulheres negras e indígenas vai além das questões sobre trabalho escravo, doméstico e a reificação sexual das mesmas. Tais estudos mostram a luta destas mulheres contra a opressão por meio de táticas de resistência nas casas grandes, chamadas de *operacionestortuga* ou como denominou Celsa Albert, forma de *cimarronaje doméstico*. Também a autora apresenta o conceito de *amefricanidad*

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



formulado por Lélia González que traça uma genealogia indígena e africana como maneira de combater a visão eurocêntrica, que neutraliza e apaga tais contribuições. No Brasil, ela cita as contribuições dos estudos de Jurema Werneck sobre a importância das lutas, como representação política e de resistência das mulheres negras no país. E a contribuição de Sueli Carneiro que na sua proposta de *enegrecer o feminismo* busca uma nova compreensão sobre o problema do sexismo e racismo a partir da experiência das mulheres negras. Curiel chama a atenção para o trabalho teórico e sistemático que estas autoras têm desenvolvido e que contribuem de forma significativa para os estudos pós-coloniais, mas que ainda têm sido pouco referenciados na academia. Para finalizar, Curiel cita o trabalho das feministas indígenas, que embora ainda incipiente têm apresentado debates consistentes sobre as relações patriarcais, sexistas e racistas na sociedade latino americana como um todo e também nas sociedades indígenas. Como apresenta Marta Sánchez Néstor, que a luta das mulheres indígenas e pela sua autodeterminação como mulher e pelo reconhecimento da identidade do seu povo, perante um Estado racista e segregacionista.

Na sua conclusão Curiel fala da dificuldade de se articular as teorias acadêmicas e as teorias formuladas a partir das experiências dos movimentos sociais. A dificuldade no mundo atual e globalizado é fazer com que estas desigualdades sejam abordadas, posto que tudo e todos pareçam “igualados”, mas que mascaram ainda uma visão patriarcal, racial e sexista. A contribuição da autora foi apresentar as teorias pós-coloniais de autores de países na América Latina e Caribe e enriquecer o debate com as teorias feministas pós-coloniais que ao proporem os debates a partir da vivência das mulheres racializadas ampliam a discussão e propõe uma crítica mais adequada a nossa realidade.

No caso específico da discussão que proponho neste artigo onde a prática musical de mulheres negras e caboclas é colocada em destaque, não seria possível se esquivar do tema sobre raça e até ir um pouco além ao lançarmos mão do conceito de branquitude. Para tal discussão os textos de Rita Segato (2005)⁷ e

⁷ Texto cujo título é *Raça é signo de 2005*.



Aparecida Bento (2002)⁸ nas discussões sobre o raça e racismo considerando não somente o negro, mas também o ausente branco. No seu texto, Segato tem como discussão central a questão da *cor* como signo e que possui um valor sociológico em significar. E como tal vai ter diferentes significados de acordo com o contexto em que o signo/cor for instituído. Para a autora em um país como o Brasil onde todas as pessoas compartilham do mesmo espaço social, a cor é o elemento que mais chama a atenção como um indicador da visibilidade africana. A cultura afro-brasileira seria como um *código aberto*, pois está disponível para todos que desejam se inteirar dela, ela não é exclusividade de um *povo* afro-brasileiro. Desta maneira, a descendência africana seria a origem de todos os brasileiros, e não somente dos negros. Mas, para Segato, ser negro no Brasil significa exibir os traços ligados a descendentes que foram escravizados no passado e assim estar ligado a uma história de derrota e exclusão, mesmo que não tenham nenhuma ligação com este passado. Considerando o processo histórico de exclusão racial no Brasil, a presença do negro em espaços onde ele antes não podia ocupar e mesmos nos espaços restritos onde ele deveria estar justificaria as ações e políticas afirmativas na inclusão e ampliação do debate sobre o racismo. A tal intenção Segato chama de *eficácia comunicativa*, que é a introdução de novos signos, neste caso da cor negra como elemento positivado em locais onde ela estaria ausente ou com significado distorcido pelo preconceito.

Partindo da discussão proposta por Segato, percebemos que no caso das mestras da cultura popular em Belém, sua situação de invisibilidade se dá triplamente, por se mulher, negra e seu conhecimento está ligado a uma descendência cultural historicamente desvalorizada, a herança afro-indígena⁹. Assim, propor uma discussão que questione esta ausência e indo mais além, fortalecer o protagonismo destas mulheres que vem de histórias de luta e sobrevivência na manutenção de suas práticas musicais por meio das atividades de seus grupos, seja de Boi-bumbá, Pássaros juninos, Cordões, Pastorinhas ou Quadrilhas.

⁸ Texto cujo título é *Branqueamento e branquitude no Brasil* de 2002.

⁹ Outro termo bastante utilizado para se referir as práticas culturais tradicionais no estado do Pará.



No seu texto Maria Aparecida Bento (2002) apresenta duas questões principais: o silenciamento e o medo. O silenciamento ocorre quando o branco reconhece o racismo, mas não a discriminação racial e se compreende fora deste processo no intuito de defender seu grupo. O branco só se envolveria politicamente e moralmente quando seu próprio grupo fosse prejudicado, demonstrando uma *indignação narcísica*. Já o medo ocorre pelo enfrentamento com o diferente em que o negro representaria tudo aquilo que é negado pelo branco. Bento mostra que a discriminação tem por motivação a manutenção de privilégios de um grupo sobre o outro. Neste caso, a manutenção do privilégio branco poderia ser motivada tanto por interesse quanto por preconceito. E um dos meios para tal, seria a exclusão como descompromisso político diante o sofrimento do outro. Sobre a branquitude, Bento apresenta dados a partir do estudo de Edith Piza (1998) demonstrando que os brancos não se vêem relacionalmente com o negro e falar sobre discriminação racial é um assunto tabu. Para a autora, um estudo que aborde estas questões e o processo de embranquecimento seria uma proposta viável para a construção de uma sociedade mais igualitária. Acrescentando a esta discussão é apresentado o relato de Janet Helms (1990), para quem o primeiro passo para o desenvolvimento de uma identidade branca não racista seria o branco se reconhecer como ser racial também e suas implicações nas relações sociais e culturais.

Acredito que a grande contribuição destes textos foi a de se repensar sobre o significado que a raça traz seja branca ou negra e que no processo histórico de formação da sociedade brasileira as raças constituintes sempre estiveram articuladas em função de interesses econômicos, políticos, sociais e até demográficos. Articulações estas estabelecidas forçosamente pelas ações do branco europeu na manutenção dos seus privilégios. No processo histórico de desenvolvimento do Brasil, o branco precisou do índio e do negro para manter seus privilégios, os excluindo fisicamente, culturalmente e socialmente. Os textos com suas respectivas informações sobre racismo e branquitude como elementos articulados nos apresentam como proposta a reflexão crítica sobre o papel de cada um na sociedade e sua contribuição para na mudança da mesma.

3. Finalizando, mas sem concluir.

A proposta de se pensar sobre as práticas musicais de mestras a cultura popular ocorreu a partir do meu envolvimento as temáticas ligadas à discussão da cultura afro-brasileira e sua inserção no currículo escolar, além dos debates sobre o racismo e preconceito. Mais recentemente minha aproximação com um grupo de pesquisa cujo tema sobre práticas musicais à luz das teorias feministas me conduziu a uma nova perspectiva na realização de minha pesquisa, além dos aprendizados como sujeita e cidadã. Minha inserção e interesse em compreender as práticas musicais de grupos de Bois-bumbás na cidade de Belém já eram antigos, mas até o momento a pesquisa tinha foco exclusivo nas performances musicais e nos saberes dos mestres dos grupos. A partir da minha inserção nos estudos feministas e discussões no grupo de pesquisa meu interesse se voltou para as práticas musicais de mulheres que coordenam grupos de cultura popular tradicional em Belém.

E com este interesse busquei alguns dados para conhecer quais e quantos grupos têm uma mestra na liderança. Para minha surpresa, mas não espanto eu percebi que um número expressivo de grupos são coordenados exclusivamente por mulheres/mestras na cidade de Belém, e que este número pode ser maior, posto que ainda haja mais dados a serem coletados. Diante deste primeiro levantamento percebi a ausência de artigos, discussões ou outros meios escritos apresentando o trabalho destas mestras. No meu caso em particular, o foco da pesquisa implica em conhecer quais os saberes musicais destas mestras e como são reveladas na prática questões relacionadas a gênero, sexualidade, raça, geração, classe entre outros temas.

Considerando a escassez de material e a ausência de discussão sobre o tema é que elaborei tal artigo, como uma forma de apresentar a temática a partir das discussões sobre gêneros e suas interseccionalidades proporcionando uma perspectiva feminista para se pensar no papel musical desta mestras para a manutenção e difusão da cultura popular tradicional em Belém.

Referências

